MARGENS URBANAS DE LUANDA E MAPUTO:

Reflexões em torno da produção do espaço e do conhecimento para a construção de novas práticas

Murad Jorge Mussi Vaz (Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim)

Sílvia Jorge (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, GESTUAL – Grupo de Estudos Sócio-Territoriais, Urbanos e de Ação Local, CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design)

RESUMO GERAL

Tendo em conta a atual cartilha neoliberal e o aumento exponencial da população urbana, os processos de urbanização acelerada à escala mundial são tendencialmente marcados pela expansão e densificação das margens urbanas sociais e/ou geográficas, mais ou menos centrais – geralmente designadas de periferias, áreas periurbanas, subúrbios ou, localmente, favelas (Brasil), musseques (Angola) e, outrora, caniço (Moçambique), entre outros –, e pelo crescente aumento das desigualdades sociais, econômicas e espaciais, que se potenciam entre si. Face a este cenário, reclama-se um outro olhar sobre a realidade e um maior diálogo entre contextos histórico-geográficos distintos, capazes de ampliar a capacidade de compreensão e intervenção sobre o território, que se pretende mais justo e igualitário. Cada contexto específico contém, em si, uma possibilidade de conhecimento de novas formas de olhar e compreender a produção do espaço, através de processos resultantes de encontros, fusões, choques e resistências associados a processos históricos de curta e de longa duração.

Assim, propomos nesta sessão livre uma leitura e reflexão críticas em torno da produção do espaço e do conhecimento para a construção de novas práticas, alternativas ao sistema hegemônico, tendo como referência sobretudo duas capitais da África Subsaariana: Luanda e Maputo. Inseridas numa das regiões mais pobres à escala global, do ponto de vista do Índice de Desenvolvimento Humano, estas cidades confrontam-se hoje com vários desafios socioespaciais, sobretudo quando não estão asseguradas as condições mínimas de habitabilidade e sustentabilidade. As suas margens, onde reside a maioria dos habitantes e sobre as quais incide o nosso olhar, refletem outras formas de pensar, produzir e habitar a cidade, muitas vezes contrárias às políticas e práticas oficiais e, por esta razão, nem sempre reconhecidas pelas respectivas administrações central e local.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

Cruzando diferentes abordagens e temas de análise, a sessão livre integra cinco palestras. A primeira dá a conhecer o projeto de investigação *África Habitat: da sustentabilidade do habitat à qualidade do habitar nas margens urbanas de Luanda e Maputo*, em curso na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, coordenado por Isabel Raposo e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pela Fundação Aga Khan. Os conceitos de qualidade do habitar e de sustentabilidade do habitat serão explorados à luz da teoria urbana crítica, mais precisamente do Direito à Cidade, preconizado por Lefebvre, questionando-se o que fazer e como fazer para o promover e potenciar. A segunda palestra reflete em torno da (auto)produção das margens urbanas de Luanda e Maputo, mas também de São Tomé, tendo como enfoque a questão habitacional, nomeadamente as práticas locais e a sua convergência, ou não, com as estratégias, políticas e práticas oficiais. A terceira palestra aborda reflexões sobre as dimensões do espaço coletivo, tendo em conta o confronto entre perspectivas, interesses, estratégias e práticas dos diferentes atores do qual deriva a produção socioespacial de Maputo. A quarta palestra centra-se nas dinâmicas geradas entre os processos oficiais de produção do espaço habitacional e as diferentes escalas, formas e práticas de resistência em Luanda e em Maputo, visando a construção da cidadania e a promoção do Direito à Cidade. Por fim, a sessão encerra com uma palestra dedicada à dimensão metodológica do estudo das margens urbanas enquanto contributo para a (re)invenção de formas de investigar, que suportem e promovam intervenções inscritas, uma vez mais, no Direito à Cidade, lido como conceito norteador de pesquisa.

ÁFRICA-HABITAT: DA SUSTENTABILIDADE DO HABITAT À QUALIDADE DO HABITAR NAS MARGENS URBANAS DE LUANDA E MAPUTO

Isabel Raposo e Sílvia Jorge (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, GESTUAL – Grupo de Estudos Sócio-Territoriais, Urbanos e de Ação Local)

Este projeto de investigação dá continuidade a um conjunto de pesquisas, coletivas e individuais, de experiências pedagógicas e de extensão universitária, desenvolvidas pelos membros da equipa de Lisboa, Luanda e Maputo. Foca-se o olhar nas formas de intervenção socio-urbanísticas e habitacionais, que têm contribuído para a melhoria da sustentabilidade do habitat e da qualidade do habitar dos grupos de menores recursos nas margens urbanas de Luanda e Maputo. A noção de Direito à Cidade, no sentido emancipatório de Lefebvre (1968), norteia a reflexão: convoca-se o direito de acesso de todos aos serviços urbanos, mas sobretudo a uma vida urbana renovada, que privilegie o valor de uso e a participação dos citadinos. Com este pensamento crítico e atento aos pontos de vista locais, revisitam-se e mapeiam-se os discursos e as práticas em cada capital, as violências, as resistências e os ensaios de espaços de utopia. Interrogam-se as técnicas construtivas, os modelos urbanos e de habitar, as políticas, os instrumentos e procedimentos habitacionais e urbanísticos mais

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

consentâneos com uma cidade mais justa e sustentável. Os primeiros seis meses do projeto (2018/2019), que aqui se restituem, centram-se no aprofundamento teórico e metodológico e na concepção de uma formação *on-line* sobre a temática.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E DIVERSIDADE DE SITUAÇÕES NAS MARGENS URBANAS DE LUANDA, MAPUTO E SÃO TOMÉ

Ana Silva Fernandes (Instituto Universitário de Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, DINÂMIA'CET-IUL – Centro de Estudos sobre Mudança Socioeconómica e o Território & Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura, CEAU – Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo)

Isabel Raposo (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, GESTUAL – Grupo de Estudos Sócio-Territoriais, Urbanos e de Ação Local)

Jéssica Lage (Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura)

Osvaldo Bráz (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, GESTUAL)

As margens urbanas do Sul são maioritariamente auto- ou co-produzidas pelos seus moradores de menores ou médios recursos, através do sistema de autoconstrução, de autogestão da construção ou de empreitadas locais de caráter dito informal. Com base em pesquisas anteriores e em curso dos quatro autores, esta comunicação parte de um olhar cruzado sobre três cidades africanas da lusotopia, de diferentes escalas – Luanda, Maputo e São Tomé. Enquadram-se os processos e configurações da auto- ou co-produção das suas margens urbanas nos respectivos contextos políticos, econômicos e urbanos de escala macro, nas estratégias e políticas sectoriais, mas também nas dinâmicas locais, socioeconômicas e culturais, com referência à identidade e ao modo de vida dos seus habitantes-construtores. Analisa-se a diversidade de situações em cada cidade fazendo jus à margem de manobra dos residentes, à sua liberdade de ação, capacidade de contenção de despesas e de entreajuda, criatividade e sabedoria no uso de materiais e tecnologias. Restituem-se os processos de adaptação, antecipação ou reação, assimilação, hibridização e recomposição acionados por estes citadinos para lidar com os constrangimentos a que são submetidos, com os desafios e a contenção de recursos, procurando-se compreender como uns e outros se traduzem a nível (peri)urbano e habitacional.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NA (RE)INVENÇÃO METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DAS MARGENS URBANAS DE LUANDA E MAPUTO

Vanessa Melo (Universidade dos Açores, Departamento de Economia e Gestão, CEEAplA – Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico)

Cristina Henriques (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design)

As extensas margens urbanas de Luanda e Maputo, geralmente caracterizadas por reduzidos níveis de sustentabilidade e condições básicas de habitabilidade, têm vindo a expandir-se e a consolidar-se aceleradamente, através de diferentes dinâmicas de urbanização, que muitas vezes não seguem total ou parcialmente os processos oficialmente estabelecidos. Tratam-se de outras formas de fazer, viver e entender a cidade. O conhecimento destes processos de urbanização, das características socioespaciais que deles emanam, bem como dos desafios e oportunidades que se colocam à definição de estratégias de intervenção que promovam o Direito à Cidade, requer também um outro olhar e a (re)invenção de metodologias de investigação. Nestas realidades urbanas, esta (re)invenção metodológica é ainda mais premente, face à escassez de dados qualitativos e quantitativos disponíveis e facilmente acessíveis.

Neste contexto, com base nas pesquisas das autoras, principalmente em Maputo, mas também em Luanda, e tendo em conta o projeto de investigação África Habitat iniciado no fim de 2018, no qual estão envolvidas, esta palestra visa explorar e refletir sobre a dimensão metodológica do estudo destas duas cidades, atendendo sobretudo às suas margens urbanas, prestando especial atenção ao papel que as Tecnologias de Informação Geográfica podem ter neste âmbito.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MAPUTO: OLHARES SOBRE ESPAÇOS COLETIVOS

Arwen Pendergast (Universidade Técnica da Catalunha-Barcelona Tech – DUOT, Departamento de Urbanismo e Ordenamento do Território)

Murad Jorge Mussi Vaz (Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim)

Observa-se que o mundo urbano subsaariano é complexo, diverso e dinâmico. A história recente de contínuas e abruptas mudanças, na qual uma multiplicidade de atores têm participado em processos de produção espacial, tem sido determinante para sua conformação e características atuais. Destarte, para construir um pensamento crítico e aberto sobre o sistema urbano de Maputo, que ultrapasse as lacunas e abstrações teórico-

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

práticas, apresentam-se bairros representativos e uma análise socioespacial dos seus espaços comuns, convertidos em lugares coletivos onde a vida cotidiana se desenvolve. Esses espaços são determinados pelas dinâmicas urbanas resultantes das práticas (tanto materiais como imateriais), necessidades e desejos, crenças e imaginários construídos, mas também do planejamento '*top-down*', do *marketing* urbano e dos interesses globais e locais que aqui se cruzam. Trata-se de tentar desconstruir e refazer as teorias e domínios aplicados sobre o espaço urbano e, assim, compreender, produzir conhecimento e trabalhar na "[...] cidade real, na economia real, nas práticas sociais reais e identidades da maioria das urbanidades" (2009, p. 10), como se refere E. Pieterse em seu artigo *African Cities: grasping the unknowable*, sempre olhando a 'cidade' e os 'bairros' como uma unidade complexa e em transformação contínua.

RESISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE "OUTRO" ESPAÇO HABITACIONAL EM LUANDA E MAPUTO

Sílvia Jorge (Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, GESTUAL – Grupo de Estudos Sócio-Territoriais, Urbanos e de Ação Local)

Sílvia Viegas (Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais)

A apresentação tem como enfoque as diversas escalas, formas e práticas de resistência à produção capitalista do espaço em Luanda e Maputo na atualidade ou passado recente, visando a identificação e análise das dinâmicas socioespaciais alternativas, conducentes ou indutoras da produção de outro espaço, mais inclusivo e justo, emergente ou perspectivado. Serão, por um lado, apresentadas as abordagens de intervenção hegemônicas, incluindo exemplos ilustrativos de exclusão urbana e de classe e, por outro, práticas quotidianas de produção do espaço social conflitantes com a reprodução do capital em grande escala. Serão ainda abordados os coletivos e movimentos associativos de base, agentes participantes nas lutas pela habitação e por um habitar condigno, impulsionadores (ou não) de contra-condutas orientadas para a promoção e defesa do Direito à Cidade, tal como preconizado por Lefebvre. Tendo como referência o quadro específico destas duas cidades, a apresentação aponta para distintos processos de resistência, com diferentes impactos ou capacidade de alcance, num estreito diálogo entre a teoria e o campo empírico.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa